

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
Cinema Experimental Português: O Cinema dos Artistas, Anos 60 e 70
Programa Ernesto de Sousa – 3
26 de Novembro de 2025

CENTRO INFANTIL HELEN KELLER / 1968

Realização: Ernesto de Sousa / Fotografia: Manuel Costa e Silva / Cópia: em DCP (suporte original em 16mm) preto e branco, som, falado em português / Duração: 15 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

CRIANÇAS AUTISTAS / 1969

Realização: Ernesto de Sousa / Fotografia: Manuel Costa e Silva / Produção: Ernesto de Sousa / Centro de Estudos Multidisciplinares (Portugal, 1969) / Consultoria e Difusão: João dos Santos / Cópia: em ficheiro (suporte original em 16mm) preto e branco, mudo (banda sonora dada como perdida) / Duração: 9 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

QUINTA EXPERIMENTAL / 1958 [BRUTOS DE IMAGEM– MONTAGEM]

Realização: Ernesto de Sousa / Fotografia: / Produção: Shell Portuguesa / Cópia: em ficheiro (suporte original em 16mm) preto e branco, mudo (banda sonora dada como perdida) / Duração da totalidade do material existente: 70 minutos / Duração desta versão alinhada e montada por Mariana Torres: 30 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

filmes de José Ernesto de Sousa

duração aproximada da projecção: 54 minutos

com as presenças de Mariana Pinto dos Santos, Mariana Torres,
Luís Grijó dos Santos, Paula Santos Lobo
Isabel Alves, Ana Maria Bénard da Costa

NOTA: O material de **Quinta Experimental** será exibido numa versão alinhada e montada por Mariana Torres

Uma sessão composta por três títulos raros e nunca mostrados na Cinemateca que remetem para a produção documental de Ernesto de Sousa enquanto cineasta. São apenas alguns de um vasto conjunto de filmes que assinou entre o final dos anos 1950 e 1970, com os mais diversos fins. Filmes que revelam bem as preocupações que atravessaram toda a sua obra, desde uma atenção muito particular à arte popular, aos métodos experimentais (também no ensino), à reinvenção permanente. Une os dois últimos o facto de serem apresentados incompletos e em versão sem som, o que não foi considerado um impedimento para os mostrarmos. **Crianças Autistas**, por não se

conhecer o paradeiro da banda sonora, como acontece com tantos filmes, mas que um dia talvez possamos recuperar, **Quinta Experimental**, por ser uma obra que chegou até nós incompleta e da qual também se desconhece o paradeiro do som, mas incompleta pois Ernesto de Sousa nunca a terminou.

Os dois primeiros filmes da sessão, **Centro Infantil Helen Keller** e **Crianças Autistas**, versam sobre escolas e métodos alternativos ao sistema educativo tradicional. O primeiro sobre os métodos da conhecida escola lisboeta, que já teve várias moradas e, se na altura em que o filme foi rodado, estava sediada junto ao Jardim Constantino, hoje encontra-se no Restelo. Então, como agora, as crianças invisuais aprendiam lado a lado com as outras crianças, e é isso que vemos nas imagens, que são acompanhadas por uma voz *off* omnipresente que nos direcciona o olhar, como acontecia na maior parte da produção documental vigente. Refere-se como o Centro Infantil Helen Keller assentava num plano de trabalho individual em que cada criança escolhia o seu caminho para uma melhor aprendizagem, assentando o trabalho do dia a dia em projectos colectivos nos quais o contacto com o mundo exterior tinha um papel determinante num ensino assente no estímulo da curiosidade e do gosto pelo conhecimento em que as crianças com deficiências de diferentes ordens (não apenas do foro visual) se cruzavam com todo o tipo de crianças num ensino que se pretendia integrado.

O jornal da escola, escrito e impresso pelos próprios alunos, os quadros com os planos de trabalho escolhidos por cada um, ou uma reunião escolar, que revela como se privilegiava um ensino cooperativo e um modo de decisão colectivo em que se dava a voz às crianças, são aspectos sintomáticos do próprio pensamento de Ernesto de Sousa, que se estende às várias áreas em que trabalha. De uma cooperativa escolar, passamos para a “cooperativa do espectador”, que produziu **D. Roberto** em 1962, do Centro Helen Keller e da elucidação do seu método Freinet passamos para o trabalho desenvolvido por João dos Santos, que vemos (infelizmente não ouvimos) em **Crianças Autistas**, filme datado de 1969. A equipa da realização/imagem é a mesma em **Crianças Autistas** e **Centro Helen Keller**: Ernesto de Sousa acompanhado por Manuel Costa e Silva, que deixou à Cinemateca várias imagens fotográficas associadas à rodagem destes filmes, e que é autor de **A Grande Roda**, documentário de quinze minutos datado desse mesmo ano 1969, e que versa também sobre as actividades do Centro Helen Keller. **A Grande Roda** contava com texto e locução de Alexandre O'Neill e teve estreia comercial a 30 de Setembro de 1970, no Cinema Império.

Crianças Autistas acompanha João dos Santos, psiquiatra e pedagogo que defendeu a importância da educação pela arte e uma educação inclusiva, nas suas consultas no Hospital D. Estefânia e na interação com crianças que acompanha. São imagens em que vemos a empatia e o carinho com que trata as crianças, que revelam ter com ele uma relação extremamente afectuosa. A obra de João dos Santos é marcante e pioneira no campo do ensino em Portugal e em concreto no Movimento de Escola Moderna, estando neste momento a ser objeto de um trabalho de estudo e divulgação, conduzida pelo Centro de Estudos, Divulgação e Reabilitação da Obra Santiana (CEDROS).

A informação sobre estes filmes é escassa, daí a importância de os mostrar e de, com eles e através deles, traçar a sua própria história. A edição “Portugal em Filmes” indica

como data de apresentação pública do filme o ano de 1969 e como duração do mesmo 25 minutos. Se tal era a sua duração original, hoje restam apenas nove minutos.

De **Quinta Experimental**, filme de 1958 de que neste momento só se conhece o material bruto, revelamos imagens (não existe o som) de uma extraordinária beleza, em versão recentemente digitalizada. Nesta sessão apresentaremos um excerto da totalidade desse material. E se o que subsistia dos materiais conhecidos, era apenas material de imagem, não montado, desconhecendo-se o paradeiro do som, exibiremos uma versão desse mesmo material em bruto, não de forma aleatória, mas num alinhamento de cerca de trinta minutos contruído por Mariana Torres, que se dedicou à investigação do filme. Trata-se de uma reconstituição de um possível alinhamento das suas imagens mudas, que respeita o texto incluído no guião original escrito por Ernesto de Sousa, e depositado postumamente na Biblioteca Nacional por Isabel Alves.

Mariana Torres contextualizará estas imagens na sessão, revelando como este documentário encomendado pela Shell a Ernesto de Sousa (há muitos outros filmes deste período que proximamente contamos mostrar) fazia parte de uma política mais vasta da companhia que se estendia a vários países, nos quais se propunha promover o papel da Shell como motor da industrialização. Aqui fazia-o numa exploração familiar na zona de Santarém, escolhida propositadamente para o efeito e para o filme, que deveria funcionar como quinta-modelo para tal esforço promocional associando a Shell a uma transformação dos métodos de uma agricultura e pecuária tradicionais ao grande esforço de uma mecanização e industrialização, cujos procedimentos a pôr em marcha ainda se vislumbram no filme.

Fotograficamente muito cuidado, são belíssimas as imagens que nos surgem dos anos cinquenta de um Portugal rural, em que a terra ainda era trabalhada com recurso aos carros de bois e ao trabalho manual dos homens. Sobressai o modo como se filma a dureza de um trabalho agrícola em que a relação com a terra se faz corpo a corpo, mas também o modo como se orquestram os gestos (o plano geral que apanha vários homens com movimentos sincronizados de enxadas na mão) e se dirigem os “protagonistas”. É delicioso o momento em que dois homens repetem o mesmo movimento de passagem à frente da câmara, supostamente a pedido de Ernesto. Nada é inocente, tudo é inocente.

São imagens que sendo raras, pois raramente vistas, apelam a outras imagens, que nos reenviam para a multidisciplinaridade da obra de Ernesto de Sousa. Montagens de imagens fotográficas realizadas nos anos 1950 e dispostas em páginas brancas. Fotogramas de possíveis guiões, mas acima de tudo imagens que convidam e chamavam outras imagens e muitos projectos futuros.

Joana Ascensão